

MÁRIO COVAS

ESTILO TUCANO

José Serra

O discurso pronunciado por Mário Covas constitui um ponto de referência obrigatória para os outros concorrentes relevantes. Entre esses candidatos reina a perplexidade: "Como é que não preparei um discurso assim, tão na mosca"?

A resposta não reside apenas em alguma falha de cada campanha. O discurso do Mário Covas não constitui somente uma peça oportuna, concisa e elegante, embora o seja também. Seu conteúdo já foi explicitado no programa do PSDB, lançado à discussão pública desde fevereiro, aprovado em maio e exaustivamente apresentado por Covas em todas as reuniões abertas ou fechadas a que tem comparecido. O discurso não foi um recurso eleitoral de ocasião, mas o melhor reflexo, uma tradução feliz, do programa tucano para o Brasil.

Alguns formadores de opinião consideram que o candidato tucano, no íntimo, não pensa daquela maneira, "face a sua atuação na Constituinte". Outros filosofam: "em campanha faz-se discurso de esquerda, no governo vai-se à direita. Covas fez o contrário, e perderá votos por isso".

O primeiro reparo se desfaz mediante a observação do estilo do Covas, eu diria, teimosamente coerente. Ou seja, manteve sempre uma altíssima correlação entre o que pensa, o que diz e o que faz.

Além disso, foi quem mais mastigou e refletiu em torno das principais teses expostas no programa do PSDB. Quanto à posição que Mário Covas exerceu na liderança da Constituinte, é vital esclarecer que:

1) ele liderou centenas de parlamentares, e não introduziu tudo o que desejava ou suprimiu tudo o que não queria, a Constituição de 1988 reflete o conjunto dos constituintes e não este ou aquele, por mais influência que tenham tido;

2) a nova Carta não é tão estatizante e autarcizante quanto se supõem;

3) grande parte dos escorregões populistas do texto constitucional vieram do chamado Centrão. O leitor sabia disso?

Covas sempre se opôs à prodigalidade fiscal, foi contra a anistia de crédito, contra a estabilidade aos 5 anos de funcionários públicos não concursados e contra a descabida fixação dos juros reais (12%) no texto da Constituição.

No segundo reparo, considera-se que Covas deveria ter sido oportunista. O engano é sutil. O discurso não foi "de direita". Corresponde, isto sim, a uma visão progressista que não é populista; que não é nem estatizante nem liberal estilo século 19; que considera ultrapassado, porque datado historicamente, o nacionalismo tal como existia há três ou quatro décadas, mas que reivindica uma política nacional de desenvolvimento; esta postura privilegia a eficiência, a competitividade e a acumulação de capital, simultâneas à redistribuição de rendas e às políticas sociais que a população necessita. De todo modo, o reparo em questão sugere uma reflexão sobre outros candidatos: seu discurso nacional-populista, cheio de promessas (e na essência retardatário), seria substituído, caso chegassem ao poder, por uma prática de governo contraditória e incompetente, que provocaria confusão e frustração, ensejando, agora sim, a recuperação do prestígio das forças da direita e regressivas.